

## **SURDOS COM DEFICIÊNCIA NA EDUCAÇÃO BILÍNGUE EM ESCOLAS DE SURDOS**

RUBIA DENISE ISLABÃO AIRES<sup>1</sup>; MADALENA KLEIN<sup>2</sup>;

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [rubia.aires@hotmail.com](mailto:rubia.aires@hotmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [kleinmada@hotmail.com](mailto:kleinmada@hotmail.com)

### **1. INTRODUÇÃO**

O presente trabalho, recorte da tese em andamento realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação, aborda a temática dos estudantes com deficiência que estudam em escolas bilíngues de surdos. Para realizar essa discussão temos como objetivo investigar nas práticas pedagógicas, na educação bilíngue em escola de surdos, os processos de inclusão de estudantes surdos com deficiência.

Tomamos como fundamentação teórica autores do campo dos estudos surdos, que abordam as discussões sobre a educação bilíngue (KARNOPP; MULLER, 2017), a escola de surdos (MORAES, 2021), e os processos de inclusão de estudantes surdos com deficiência (MARINS, 2015).

### **2. METODOLOGIA**

Para realizar a investigação, nos utilizamos da perspectiva da conversa como metodologia de pesquisa (RIBEIRO; SOUZA; SAMPAIO, 2018), tendo a conversa coletivas com professoras e professores de duas escolas bilíngues de surdos situadas no sul do Rio Grande do Sul como o procedimento para a construção do corpus de análise. Optamos neste trabalho nos referir aos colaboradores da pesquisa - professoras e professores - no feminino, por entendermos que as mulheres são maioria na educação, principalmente ensino fundamental.

Todas as professoras foram previamente esclarecidas dos objetivos da pesquisa, assinaram o termo de consentimento livre esclarecido e escolheram a forma que desejavam ser identificadas na pesquisa: com pseudônimos ou seus próprios nomes. Todos os documentos e materiais utilizados para a pesquisa foram acessibilizados para Libras, assim como, os encontros com as escolas. Os encontros com as professoras foram filmados e gravados, posteriormente traduzidos e transcritos, possibilitando o exercício analítico.

No recorte apresentado neste trabalho, olhamos para uma das categorias de análise da tese, que discute os estudantes surdos com deficiência.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A educação bilíngue em escolas de surdos é entendida como o espaço em que a Libras é a língua de instrução e a língua portuguesa na modalidade escrita é a segunda língua (BRASIL, 2021), e que para tanto, é preciso desenvolver currículos e métodos para atender os estudantes na modalidade de educação

bilíngue. O exposto na lei, também é ressaltado por KARNOPP e MULLER (2015), todavia as pesquisadoras ressaltam, ainda, que a educação escolar bilíngue engloba aspecto para além das línguas.

No que se refere as escolas de surdos, consideramos que esses espaços são privilegiados para a educação bilíngue, e da mesma forma para aquisição de língua e constituição das identidades surdas. Contudo, precisamos lembrar que esses espaços são escolas, e como tal, tem um papel fundamental na apresentação dos conhecimentos produzidos pela humanidade, como ressaltado por MORAES (2021, p. 87), problematizando que “A luta pelo reconhecimento, acesso e uso da língua não pode ser único da escola.” Feitos esses apontamentos, que refletem nossa compreensão a respeito da escola bilíngue de surdos, apresentamos alguns trechos das nossas conversas com as professoras que discutem as práticas pedagógicas com os estudantes surdos com deficiência.

A professora Claudia, quando comenta sobre suas práticas, pensando no estudante surdo com autismo, aponta como “*é importante a adaptação das atividades*” (R1-A, 22:01’)<sup>1</sup>. Da mesma forma, a professora Ana, quando aborda suas práticas com um estudante com deficiência intelectual, destaca que está “*sempre buscando estratégias, fazendo mudanças nas atividades*” (R2-A, 19:01’). Em ambas as falas, percebemos uma preocupação das professoras com as atividades desenvolvidas, considerando as especificidades dos estudantes, e sua participação nas aulas. De acordo com MARINS (2015, p. 26), “[...] é importante se pensar nas mudanças necessárias para a proposição de novos currículos para que esses reconheçam e trabalhem com as múltiplas identidades surdas, entre as quais as dos sujeitos surdos com deficiência.” É necessária a busca por diferentes estratégias, a adaptação de atividades e mesmo a criação de atividades e materiais que considerem aquele momento do processo de ensino e aprendizagem e as identidades surdas.

Pensando nas múltiplas identidades surdas, o professor Eg, quando aborda suas práticas pedagógicas no ensino de matemática, destaca suas propostas de trabalho em grupos, e resalta que as diferenças entre os estudantes não os impedem de trabalharem em conjunto. Ele relata que “*tem um grupinho que sempre junta a (nome aluna), que é surda, o (nome aluno), que é DI [Deficiente Intelectual], e o (nome aluno), que é ouvinte,*” (R2-B, 05:01’). O professor explora materiais concretos, e isso possibilita uma interação entre os estudantes de forma mais visual. As pesquisadoras, GIORDANI e GAI (2017, p. 134) quando falam sobre uma aprendizagem por meio de uma cultura visual bilíngue, expressam o desejo de “[...] que outras coisas venham a ser ofertadas aos alunos em experimentação e aprendizagem, que mais sensações sejam incorporadas nas aulas por via de visualidade e materialidades, [...]”. Dessa forma, a partir do que o professor expressou e das discussões realizadas pelas pesquisadoras citadas, percebemos a importância das práticas pedagógicas desenvolvidas tendo a materialidade e a visualidade como base. Essas experimentações, as quais as pesquisadoras se referem, se constituem no cotidiano escolar bilíngue de diferentes formas, e devem ser explorados ao máximo. No relato do professor, além do material concreto, existe interação entre estudantes com diferentes identidades, que já constituíram o hábito de realizarem as tarefas em conjunto, e isso é bastante significativo, quando pensamos em uma educação escolar bilíngue inclusiva.

A professora Márcia, faz um relato sobre suas práticas pedagógicas com uma turma de estudantes surdos com deficiência intelectual, tendo os estudantes

mais de vinte anos de idade. A professora ressalta que *“por eles terem essa deficiência intelectual e também a deficiência motora, nós não conseguimos fazer os sinais próprios, porque dificulta.”* (R2-B, 42:31’). Essa dificuldade a qual a professora se refere, devido a rigidez muscular, e outros fatores, interfere na realização dos sinais, seguindo os parâmetros da Libras. Contudo, a professora busca ao máximo estimular as potencialidades nos estudantes, promovendo atividades que explorem o cotidiano e que se constituam em aprendizagens significativas, não se limitando a questão linguística. Como ela relata sobre um episódio cotidiano: *“entrou uma abelha em sala de aula, e eles começaram ‘mata, mata, mata’ e eu ‘não, não podemos matar’, e assim, surgiu o projeto Colmeia.”* (R2-B, 43:31’). No seguimento da fala, a professora conta sobre a visita a um apicultor, e outras atividades em sala de aula, que exploraram o conhecimento sobre a temática, se aliando ao que destacaram GIORDANI e GAI (2017), referente a experimentação.

A partir dos nossos referencias, e dessas conversas com as professoras, percebemos que o espaço escolar bilíngue revela diferentes desafios, e especialmente quando pensamos no trabalho com estudantes surdos com deficiência. As práticas pedagógicas que analisamos nesse recorte, se apresentam com muita potência, quando pensamos em um ambiente inclusivo, porque os estudantes surdos com deficiência não estão invisibilizados nos processos de ensino e aprendizagem.

As autoras ALVES e GARCIA (2000, p. 10) destacam que “[...] é preciso compreender a complexidade da escola, para melhor atuarmos e influirmos naquilo que acontece – o processo pedagógico.” A escola de surdos, sendo escola, possui essa complexidade, e como espaço bilíngue, negocia com diferentes frentes de trabalho, porque existe a legítima necessidade de propiciar a aquisição linguística, o dever de transmitir os conhecimentos produzidos pela humanidade e o que acontece na sociedade na contemporaneidade. Também é preciso ser um espaço inclusivo, porque as pessoas surdas são atravessadas por múltiplas diferenças.

Não é uma tarefa fácil, e como podemos analisar, a partir dos relatos das professoras, as escolas buscam diferentes estratégias para dar conta dessas demandas. Mas é preciso mais para pensarmos em uma educação escolar bilíngue que propicie as pessoas surdas equidade no processo escolar. Para tanto, acreditamos que não é só papel da escola, mas precisamos de mais investimentos na educação bilíngue de surdos, formação continua dos professores e tempo de planejamento que permita as escolas oferecer a educação bilíngue que todos os estudantes precisam e especialmente os estudantes com deficiência.

#### 4. CONCLUSÕES

A partir dos estudos e das conversas realizadas com as escolas, consideramos que os processos de inclusão dos estudantes surdos com deficiência têm apresentado relevância nos processos de ensino e aprendizagem. A partir das práticas pedagógicas desenvolvidas, de acordo com os relatos das professoras, existe uma preocupação com a interação de todos nas atividades, e para tanto, são feitas as adequações e criações de atividades que englobe todos. Contudo, percebemos que é um trabalho que fica centrado na figura das professoras, sendo necessários mais investimentos na educação bilíngue de surdos, e em especial quando falamos de estudantes surdos com deficiência.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Nilda; GARCIA, Regina L (orgs.). **A invenção da escola a cada dia**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

BRASIL. Lei 14191/21. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Acessado em: 20 Set 2024. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2021/lei/l14191.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/l14191.htm).

KARNOPP, Lodenir Becker; MULLER, Janete Inês. Educação escolar bilíngue de surdos. Florianópolis/SC, 2015. In: **Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPED**. Acessado em: 20 Set 2024. Disponível em: <<http://37reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Trabalho-GT15-4077.pdf>>.

MORAES, Violeta Porto. **A possibilidade da escola de surdos: a defesa da escola para o encontro com o mundo**. 2021. 188f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.

MARINS, Cássia Lobato. **Processos de construção e desenvolvimento de currículos para surdos com deficiência em uma escola bilíngue para surdos**. 2015. 91f. Dissertação (Mestrado em educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015.

RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael; SAMPAIO, Carmen S. É possível a conversa como metodologia de pesquisa? In: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael; SAMPAIO, Carmen. (orgs). **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

---

<sup>1</sup> Elaboramos essa codificação para identificarmos os trechos das conversas com as professoras, nos encontros com as escolas.